

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael.
**Pesquisa narrativa: experiência e história em
pesquisa qualitativa.** Tradução: Grupo de Pesquisa
Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU.
Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative Inquiry:**
experience and story in qualitative research. Translation:
Narrative Inquiry Group and Teacher Education ILEEI/UFU.
Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.

Fábio MARIANI¹
Magda MATTOS²

Pesquisa Narrativa: experiências e história em pesquisa qualitativa é um livro que tem como foco as discussões sobre uma abordagem de pesquisa qualitativa que se apresenta como alternativa a métodos de pesquisa mais tradicionais. Partindo da compreensão de *experiência* como histórias vividas e narradas, a pesquisa narrativa se estrutura na intencionalidade de compreender e interpretar as dimensões pessoais e humanas para além de esquemas fechados, recortados e quantificáveis. Coerente com a proposta apresentada, o texto é todo composto por relatos narrativos em que os autores trazem para a discussão os seus mais de vinte anos de experiência com a pesquisa narrativa. Pensar narrativamente a partir de um *espaço tridimensional* torna-se condição para o intento de se compreender as vidas experienciadas e narradas. *Vida é educação* e os *educadores estão interessados em vidas*, vidas que só podem ser expressas narrativamente. Portanto, a pesquisa narrativa se apresenta como uma importante e significativa possibilidade de pesquisa em educação.

1 Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. Av. Fernando Correa da Costa, n. 2.367, Boa Esperança, Cuiabá-MT. CEP: 78.060-900. Tel.: (65)3266-4017. E-mail: <fabio.filos@yahoo.com.br>.

2 Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. Av. Fernando Correa da Costa, n. 2.367, Boa Esperança, Cuiabá-MT. CEP: 78.060-900. Tel.: (66) 3410-4093. E-mail: <magda_roo@hotmail.com>.

Os autores dedicam o capítulo um, *Por que narrativas?*, a tecer considerações sobre o caminho que trilharam até as narrativas, com o objetivo de discutir o que entendem por esta abordagem de pesquisa, bem como responder a pergunta que dá título ao capítulo. Para ilustrar as discussões, começam por apresentar a experiência de aproximação das narrativas feitas por outros teóricos em suas respectivas disciplinas – Antropologia, Psicologia, Administração – e como esses teóricos influenciam e contribuem para a construção de sua visão sobre a Pesquisa Narrativa.

Enfatizando a influência exercida por Dewey, principalmente no que se refere ao conceito de *experiência* – especificamente as noções de situação, continuidade e interação – Clandinin e Connelly destacam que, ao longo de suas histórias nas pesquisas, seu interesse central esteve focado nas questões de como os indivíduos ensinam e aprendem, ao tomar como uma de suas teses centrais que os estudos em educação e a própria educação são formas de experiência e que elas acontecem narrativamente. Sendo assim, só faz sentido estudar essas experiências, também de forma narrativa.

No capítulo dois, *Pensando narrativamente – um caso nas fronteiras*, os autores dedicam esforços em explorar e discutir as tensões existentes – e por eles experienciadas – nas *fronteiras* entre o pensamento narrativo ou ainda a abordagem da pesquisa narrativa e o que chamam de *narrativa dominante* ou uma *abordagem mais tradicional* de pesquisa. Nessa perspectiva, partem de uma experiência vivida com um grupo de trabalho que tinha como missão revisar a *taxonomia de Bloom*, para discutir as referidas tensões, tomando como referenciais dois critérios que se apresentam imbricados sobre a experiência, apontados por Dewey: continuidade e interação. A partir dessas bases, identificam e discutem cinco tensões: temporalidade, pessoas, ação, exatidão e contexto.

Ainda nessa perspectiva, e com o objetivo de discutir o que significa *pensar narrativamente*, no capítulo três, *Pensando narrativamente – fronteiras reducionistas e formalistas*, os autores, utilizando-se de vários exemplos oriundos de seu próprio trabalho ao longo dos anos, discutem quatro tensões que se encontram presentes na fronteira entre a pesquisa narrativa e a pesquisa formalista: o lugar da teoria, o equilíbrio da teoria, pessoas e o lugar do pesquisador.

Por sua vez, no capítulo quatro, *O que fazem os pesquisadores narrativos?*, Clandinin e Connelly partem da pergunta apresentada no título, para logo advertirem que o seu propósito não é definir essa modalidade de pesquisa, mas utilizando-se de exemplos de pesquisadores narrativos, mostrar o que fazem e como estes encaminham as suas pesquisas e, assim, *prover* uma resposta à questão inicial. Preocupados em *pensar o ato de fazer pesquisa narrativa* para além da vasta literatura que trata dos termos definidores dessa abordagem de pesquisa, os autores, esclarecendo suas inspirações deweyana, propõem os termos da pesquisa

narrativa, bem como suas implicações, entrelaçamentos e delimitações. Os termos interação (pessoal e social), continuidade (presente, passado e futuro) e situação (lugar) compõem um *espaço tridimensional* que caracteriza a pesquisa narrativa, tornando-se um dos elementos-chave no desenvolvimento do método narrativo.

O capítulo cinco, *O pesquisador entrando no campo de pesquisa – caminhando por entre histórias*, é dedicado às discussões sobre as complexidades que constituem a entrada dos pesquisadores no campo de pesquisa. Complexidades que se traduzem em negociações constantes que precisam ser estabelecidas entre o pesquisador os participantes e os contextos que envolvem os processos investigativos, no que se referem a relacionamentos, propósitos, transições. Tomando como referência o espaço tridimensional que constitui a pesquisa narrativa, o pesquisador encontra-se sempre num “entremeio”, isso porque os participantes da pesquisa, os contextos pesquisados e os próprios pesquisadores constituem-se a partir de dimensões temporais, espaciais, pessoais e sociais. São vidas e histórias em movimento – tanto dos participantes da pesquisa quanto dos pesquisadores, uma vez que a pesquisa narrativa tem como uma de suas características fundantes a *relação* – que se expressam narrativamente na busca da construção de significados.

Sendo a pesquisa narrativa essencialmente relacional, um dos grandes desafios que se evidencia ao pesquisador se encontra na tarefa de composição dos textos de campo (dados de pesquisa) em um momento que se está imerso no campo. Esta discussão é trazida pelos autores no capítulo seis, *Do campo para os textos de campo – estando no lugar de histórias*. Envolvido no campo, por isso, parte deste, e da experiência que busca investigar, o pesquisador tem de lidar com a perspectiva do distanciamento e da proximidade em sua pesquisa. Segundo os autores, a composição dos textos de campo evidenciam esses desafios e por isso auxiliam o pesquisador em sua tarefa contribuem com a clarificação da posição do pesquisador na pesquisa.

O capítulo sete, *Compondo textos de campo*, é dedicado a apresentar e descrever um variado conjunto de tipos de textos de campo que podem ser utilizados pelos pesquisadores narrativos no trabalho com o espaço tridimensional da pesquisa narrativa: histórias de professores, escrita autobiográfica, escrita de diários, notas de campo, fotografias, caixas de memória dentre outros. Os autores manifestam a preocupação em não propor um conjunto fechado de tipos de texto de campo, argumentando que a complexidade das paisagens educativas investigadas requer do pesquisador a criatividade para, se necessário, criar novas formas de composição de textos. Por fim, na pesquisa narrativa o pesquisador tem um vasto caminho na composição de textos de campo, contudo deve estar atento à complexidade que abarca as inúmeras possibilidades de composição dos textos, sem perder o status epistemológico.

O passo que se segue à composição dos textos de campo é marcado por um processo de transição que os autores apontam como sendo uma tarefa difícil e complexa a ponto de dedicarem o capítulo oito, *Dos textos de campo aos textos de pesquisa – compondo o sentido da experiência*, a essas discussões. Trata-se da transição dos textos de campo em textos de pesquisa, uma fase marcada pela necessidade de composição de sentido da experiência vivenciada no entremeio do processo investigativo narrativo. Questões que por vezes estiveram bem presentes no início da pesquisa, na fase de elaboração dos projetos ou das questões iniciais da pesquisa voltam ao centro das atenções nesse momento. Discussões relacionadas a justificativas, compreensão do fenômeno, método, interpretação-análise, confrontações teóricas e a própria opção pelo tipo de texto de pesquisa que o pesquisador deseja compor, passam a ocupar atenção especial do pesquisador narrativo que, para isso é levado a iniciar outro processo, também complexo, que é o de negociação, agora de saída do campo. Saída que se dá parcialmente em função de que ele precisará retornar ao campo para *negociar* seus textos de pesquisa provisórios, com os seus colaboradores, participantes da investigação.

Ainda na perspectiva das discussões sobre as complexidades que se apresentam no processo de transição dos textos de campo para os textos de pesquisa, os autores discutem no capítulo nove, *Compondo textos de pesquisa*, questões relacionadas às conexões que se estabelecem entre memória, textos de campo e textos de pesquisa, com o objetivo de explorar o lugar da memória nesse processo. Os textos de campo acabam por desenvolver a função de *signalizadores da memória* fundamentais para a composição dos textos de pesquisa. Outra questão importante, discutida nesse capítulo, diz respeito às incertezas em que se vê mergulhado o pesquisador. Questões relacionadas às finalidades da pesquisa que pareciam claras no início do processo investigativo podem ser questionadas com os intensos processos de inserção e envolvimento no campo e na composição dos textos de campo. Essas incertezas são potencializadas pela compreensão do pesquisador de que o seu texto de pesquisa é uma composição que tem como centro *pessoas, lugares e coisas* que estão em constante e contínuo processo de transformação e, portanto, não são estáticos apreensíveis ou passíveis de caracterização meramente mecânica. Mais do que defini-los o pesquisador precisa compreendê-los a partir da dinamicidade que envolve suas vidas e suas histórias compostas e narradas a partir dos espaços tridimensionais em que se encontram. Ainda nesse capítulo os autores, utilizando-se de exemplos de dois pesquisadores, dedicam esforços em discutir a complexidade que envolve a escolha da melhor forma narrativa para a composição de um texto de pesquisa.

Por fim, o capítulo dez, *Preocupações que persistem em relação à pesquisa narrativa*, é dedicado a discussões de questões ou preocupações que devem